

Países da AL debatem a dívida

**RIO
AGÊNCIA ESTADO**

A crise da dívida externa colocou todos os países da América Latina no mesmo barco e o setor privado brasileiro deseja participar intensamente na formulação das alternativas de negociação da dívida, juntamente com outras nações, segundo afirmou ontem o ex-presidente do Banco Central, economista Carlos Geraldo Langoni, que está coordenando a realização, a partir de hoje, do Seminário sobre Ajustamento e Desenvolvimento promovido pela Confederação Nacional de Comércio (CNC) e apoiado pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). Langoni falará na sessão de abertura do encontro, logo após o secretário-executivo da Cepal, Enrique Iglesias, e defenderá "uma posição comum entre os países endividados do continente, sem as características de um clube de devedores".

"Precisamos verificar o que está acontecendo em torno de nós", destacou Langoni, ao comentar a presença no seminário de representantes públicos e privados dos seis países mais endividados do continente — Brasil, México, Argentina, Venezuela, Peru e Chile. "Estamos habituados a ter como referência o que acontece na Europa e nos Estados Unidos e, na realidade, aquilo que ocorre em qualquer país latino-americano repercute imediatamente no Brasil." Esta foi a principal motivação do seminário, levando em conta o fato de que, "para as empresas privadas, o equacionamento da dívida externa é fundamental".

Langoni, que como presidente do Banco Central participou intensamente das negociações sobre a dívida externa brasileira, assinalou que os participantes do seminário vão discutir os problemas do endividamento a partir de dois enfoques básicos: as políticas de ajustamento do Fundo Monetário Internacional e as diversas estratégias para a negociação da dívida.

Ele exemplificou com o caso da Venezuela, que negociou sua dívida diretamente com os bancos internacionais, sem a participação do FMI; do México, "que vem repetindo a estratégia de renegociação plurianual e, de um modo geral, teve mais êxito que o Brasil"; e da Argentina, que se destaca pelo fato de estar negociando a dívida "num complexo processo de transição democrática, fornecendo boas indicações ao Brasil". A questão, para Langoni, é saber "se a América Latina pode encontrar uma trajetória de crescimento nas condições atuais de negociação ou se esse crescimento terá que ser adiado ou limitado".

O presidente da CNC Antônio de Oliveira Santos, apresentou a discussão sob outro ângulo: "O fato é que toda a programação das empresas privadas depende, entre outros fatores, do encaminhamento da dívida externa. E a solução não será restrita apenas ao Brasil, mas abrangerá outros países da América Latina". Segundo ele, na dívida externa total do continente, que chega a US\$ 350 bilhões — mais de um terço da dívida externa mundial —, os seis países convidados ao seminário representam nada menos do que US\$ 310 bilhões.